

Ibsen defende entendimento

“A dor ensina a gemer”, lembra o presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro, ao fazer uma avaliação sobre o relacionamento entre o Legislativo e o Executivo, em 1991. Ibsen reconhece que houve um amadurecimento político dos dois lados. Foi o primeiro ano dessa Legislatura com o Congresso renovado em mais de 60 por cento e de tendência mais conservadora e o segundo do mandato do presidente Collor, que antes governava voltado para a mídia na esperança de que “as ruas tançassem o Parlamento para suas proposições”.

Isso seria possível com **ibope** alto e inflação baixa, quando esse quadro começou a se inverter, não alcançou resultados. O Governo fez seu aprendizado e isso produziu avanços em questões importantes como, mais recentemente, o ajuste fiscal. “Na questão salarial, contudo, temos um exemplo de que as posições não foram ainda aplainadas”, acredita. É um empate técnico que a maioria parlamentar não consegue se sobrepor aos vetos.

O presidente do Senado, Mauro Benevides, como Ibsen, aponta o Legislativo como estuário natural do contraditório pela expressão de todas as tendências, anseios e ideologias que o presidente da Câmara chama de dissenso — “Consenso é regra da ditadura, é exceção”. A regra é o dissenso, não do caos, mas democraticamente administrado. E como o Governo não tem maioria, assim como a oposição, a solução não depende de um ato da Mesa, de uma lei, mas de uma prática política. O Executivo ainda tentou cooptar bancadas com alguma afinidade ou pela ação de governadores premiados por dificuldades administrativas em determinadas votações, processo que tam-



bém se revelou negativo. O aprendizado que todos foram obrigados a atravessar durante ano acabou por indicar, na opinião de Ibsen, o caminho claro, solar da negociação política entre o Governo e a Oposição.

Barganha — Foi exatamente a situação dos governadores do PMDB que levou o partido dos presidentes das duas Casas — Câmara e Senado — a sentar-se à mesa de negociações com o Governo para discutir a rolagem da dívida dos estados e municípios como barganha política para a aprovação do ajuste fiscal, prioridade para o Governo. Essa, talvez, tenha sido o maior exemplo de habilidade política ou profissionalismo para o aprimoramento das relações entre os dois Poderes.

Endividados, os governos estaduais administrados pelo maior partido de oposição no Congresso e pêndulo na balança de qualquer questão polêmica, praticamente abandonaram suas bancadas aliando-se de alguma forma ao seu credor, o Executivo. Sair desse impasse através da negociação política foi uma lição que Ibsen recomenda como prática não só para o amadurecimento das relações entre o Legislativo e o Executivo como para sair da turbulência da conjuntura atual. Como afirma o deputado mineiro Paulo Delgado (PT), tal turbulência não derruba o jumbo brasileiro — e ele espera que não derrube o **boeing** presidencial — mas é

preciso que o Governo e o Congresso saibam em que aeroporto querem pousar o País.

E a proposta de Ibsen nada mais é senão de entendimento setorial. Quando os líderes partidários não se entendem é porque expressam divisões reais da sociedade, que vem lá de baixo. A mesma sociedade que elegeu Collor, mas não lhe deu maioria no Parlamento, ao contrário, elegeu 15 ou 16 minorias. “E já está compreendendo que a troca política é legítima e a troca fisiológica uma delinquência que floresce quando não há convivência política entre os opostos”, observa Ibsen. “O que é melhor para o Governo? Submeter-se a reivindicações fisiológicas de um parlamentar que troca seu voto por uma estação de rádio ou propor uma pauta de concessões recíprocas que dará a todos vantagens políticas?” indaga.

Ibsen acredita que, quando um partido político avança com uma vantagem política ele cumpriu seu papel, conquistou para seus representados um avanço e está tendo ganho político. Num regime democrático, as alianças são normais, onde ninguém tem maioria, devem ser definidas em torno de temas concretos e a negociação limpa e decente é aquela que se faz em torno de temas políticos, fora disso é cooptação fisiológica, “Esse é o nome do jogo, the mane of game!”.